



Sal da Terra

BODAS DE MADEIRA. Cinco anos de atividades.

ELISABETE MARTINHO

ELISA COSTA

Elisabete Martinho

Elisa Costa

**SAL DA TERRA.
BODAS DE MADEIRA**

CINCO ANOS DE ATIVIDADES

Primeira Edição

Brasília-DF
AMSK/Brasil
2023

Copyright © AMSK/Brasil

Todos os direitos reservados. Vedada a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou qualquer meio, produção, distribuição, comercialização ou cessão sem autorização do autor. Esta obra foi publicada no website www.amsk.org.br, para leitura exclusiva online. A utilização dos dados e informações devem ser descritos com os devidos créditos. Os direitos desta obra não foram cedidos. A violação dos Direitos Autorais (Lei n. 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

ISBN: 978-85-67708-10-2

Autoras: MARTINHO, Elisabete. COSTA, Elisa.
Título: Sal da Terra. Bodas de Madeira, cinco anos de atividades.
Edição: 1
Local: Brasília – DF

Contatos com as autoras: contato@amsk.org.br

Websites da autora: <https://www.amsk.org.br/>
<https://amskblog.blogspot.com.br/>

**Associação Internacional Maylê Sara Kalí –
AMSK/Brasil**

Presidenta

Elisa Costa

Presidenta Honorária

Sebastiana Vidal († 1925-2019)

Vice presidenta

Lucimara Cavalcante

Equipe Técnica

Parceiros e amigos do projeto

Elaboração

Elisa Costa e Elisabete Martinho

Diagramação

Lucimara Cavalcante

Projeto Gráfico e Capa

José Rüter Cerqueira



PREFÁCIO

Diário de bordo (a bordo da vida)

A minha esperança é do verbo esperar,çar,

Já nasci com o não na porta e por muitos motivos e durante muitos anos nem sabia disso.

Muitos absurdos são normais, muitos afetos são comuns e a gente passa despercebida pelas coisas...

E assim se vão anos comendo sal ... juntas.

Aprendemos a lutar, a enxergar a luta e a necessidade dela existir.

O sim é lucro e não vem de graça...nunca vem

As infâncias são nossas, de cada uma de nós e digo: mulheres por isso, pela dor e o amor do útero, ligação estranha, esquisita e real. Tem muito de cada uma de nós em cada infância dessas e não há espaço para muitos melindres, firulas e trejeitos a moda educada da sociedade.

Ressabiadas estamos sempre.

Confio na vida, na luta e em dias com novas possibilidades.

Que o chão de cada dia esteja sempre nos nossos olhos e a estrada continue no nosso coração.

E se por um minuto você sentir medo, cansaço, dor, tristeza e desesperança...respira funda e vai assim mesmo. Não por nós. Pelas nossas infâncias de povos e comunidades tradicionais.

Viva o controle e a participação social dos povos e comunidades tradicionais.

Qual o nome da esperança? A nossa tem nome e tem rosto: É Bibi ...

*O sal da terra é um projeto que nasceu em 2017 pelas
mãos da Bibi.
O que faz a diferença é que ela segue, ajudando outros
projetos e cedendo seu trabalho com cursos, palestras,
abraços e conversas.... onde quer que você se encontre,
afinal de contas, tudo na vida precisa de um tempero.
Elisa Costa – Presidenta da AMSK/Brasil, aluna da Bibi,
para assuntos da vida.*

Viva as nossas infâncias e as nossas mulheres:

Andirobeiras

Apanhadoras de Sempre-vivas

Caatingueiras

Caiçaras

Castanheiras

Catadoras de Mangaba

Ciganas

Cipozeiras

Extrativistas

Faxinalenses

Fundo e Fecho de Pasto

Geraizeiras

Ilhéus

Indígenas
Isqueiras
Morroquianas
Pantaneiras
Pescadores Artesanais
Piaçaveiras
Pomeranas
Povos de Terreiro
Quebradeiras de Coco Babaçu
Quilombolas
Retireiras
Ribeirinhas
Seringueiras
Vazanteiras
Veredeiras

SAL DA TERRA.
BODAS DE MADEIRA
CINCO ANOS DE ATIVIDADES.

Em, 21 de fevereiro de 2017, apresentamos a ideia do projeto Sal da Terra à comunidade de Guadalupe.

No salão de festas da Igreja Nossa Senhora de Guadalupe, reunimos representantes de órgãos governamentais (SME/RJ- Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, 6ª CRE - Sexta Coordenadoria Regional de Educação; Unidades de Saúde Básica representados pelas gerências das Clínicas das Famílias, Postos de Saúde, CASP- Centro de Atenção Psicossocial; CRAS- Coordenadoria Regional de Assistência Social), com a sociedade civil representada por mulheres de diversas etnias (rromis, negras, indígenas(povos originários), pardas e caucasianas, mulheres deficientes, mães de deficientes, catadoras de recicláveis, catadoras de alimentos descartados no Ceasa, analfabetas, estudantes, universitárias, mulheres católicas, evangélicas, espíritas, candomblecistas, mulheres de terreiro etc. O convite para o encontro foi estendido às associações de moradores e à Lona Cultural Terra. Contamos com o prestígio e apoio da Presidenta da AMSK - Associação Internacional Maylê Sara Kali, Elisa Costa para abertura dos trabalhos. Fomos agraciados e honradas com a presença de Representantes da CAPEMISA SOCIAL. Recebemos as boas-vindas e bênçãos do Padre Gerson responsável

pela Igreja Matriz de Guadalupe e das outras igrejas e paróquias católicas da região, também diretor Geral dos colégios Mercedário Pio XII. Felicitamo-nos com a presença da psicóloga representante da Pastoral do Menor. Alegramo-nos com as músicas, danças e histórias culturais do Grupo LESHJA E KUMPANJA. Saboreamos um almoço servido com comidas típicas da CULINÁRIA dos VORDUNS organizado pelo Buffet H Massas. Desta forma, proporcionando aos participantes uma imersão na cultura romani para que preconceitos e racismos pudessem dar espaço ao conhecimento e esclarecimento. Assim convidamos para a roda diversas culturas, religiosidades, representações sociais, de qualquer gênero, de qualquer preferência política e qualquer outra predominância identitária a fim de buscarmos estratégias e ações para proporcionarem, efetivamente, as transformações pessoais e coletivas para as mulheres em situação de vulnerabilidade extrema em nosso território.

Tendo em vista que, através da recondução destas mulheres à educação, aos atendimentos de saúde, à assistência social e demais serviços públicos necessários, poderíamos de fato promover mudanças pessoais e coletivas para as mulheres em situação de extrema pobreza em nossa região. Pode-se afirmar que, em razão de absoluta falta de informação ou acessibilidade, pouquíssimas acessavam a estes serviços essenciais para o trabalho de resgate da autoestima, da dignidade,

da esperança de cada mulher vítima de tantas violações de direitos humanitários, racismo e preconceitos.

É de conhecimento geral, que na maioria das vezes, mulheres em situações descritas, convertem-se em provedoras de suas famílias após o abandono de seus parceiros/as.

O objetivo inicial voltado ao “empoderamento” da mulher deficiente, da mãe que gerou um/a deficiente, da mulher pobre e favelada, da mulher que nasceu rromi (assim chamada cigana), da mulher de terreiro, da garimpeira (catadora de recicláveis no lixo), catadoras de alimentos no CEASA, idosas, mães adolescentes; destas mulheres que por algum motivo, em algum momento, sentem ou sentiram vergonha de si mesmas e deixaram de olhar para si próprias como mulheres; Nos fez refletir sobre: - Empoderar ou simplesmente devolver a condição de humanidade perdida?

Em face ao cenário observado, o primeiro de atividades do SAL DA TERRA foi marcado pela busca ativa, pela urgência em ocupar os espaços públicos para que estas mulheres fossem representadas e pelo levantamento das vulnerabilidades territoriais, bem como das demandas urgentes e urgentíssimas.

O enfrentamento da realidade inimaginável de pobreza extrema, miséria absoluta, fome, frio, transtornos mentais multiplicados e reprodutores de outros sujeitos adoecidos/as, o contado permanente destas mulheres

com as diferentes dores, violências, abusos e tantas outras questões, culminaram no crescimento das doenças emocionais, afetivas, psicológicas, avançando para as síndromes psiquiátricas como a depressão, ansiedade, transtornos pós-traumáticos etc.

Através do levantamento das vulnerabilidades territoriais, constatamos uma realidade não observada antes do início do trabalho. Inacreditavelmente, existiam as mulheres ocultas. Não invisíveis, não invisibilizadas, mas realmente ocultas.

Mulheres não atendidas pela rede pública. Vítimas das mais variadas violências, que se habituaram com a violação de direitos e passaram a acreditar que a desumanidade, sua condição real, era normal.

Mulheres que não fazem parte dos programas sociais por absoluta falta de informação. Falta de acessibilidade aos seus direitos legais.

É fato que a realidade do bairro de Guadalupe, principalmente das mulheres moradoras de territórios de alta vulnerabilidade social, moradoras das comunidades: Pedreira, Chapadão, Morro dos Chaves, Bairro XIII, Final Feliz, Morro da Lagartixa, Pedra Rasa, Palmeirinha, Casinhas etc. aquelas que sobrevivem em áreas de risco, muitas vezes sem saneamento básico, em casas construídas com pallets ou restos de madeiras e cobertas por plásticos, com sorte, lonas, permanecem ocultas ao poder público.

A inexistência de documentação de identidade seja por esquecimento, furtos, abandonos, incêndios, enchentes, alagamentos, e/ou outros é o primeiro obstáculo para elas façam uso de qualquer equipamento público. Por desinformação ou negligência, ainda pela limitação de todo tipo de recursos, muitas das mulheres enxergam no lixo a sua única forma de sobrevivência, enxergam a própria vida.

Este contato verdadeiro com a realidade delas, destas mulheres de periferia, só foi possível com a abertura das portas da residência da coordenação do SAL DA TERRA para elas.

Sim! Ao longo dos anos de experiência em atendimento ao público podemos observar o quanto o formato ou modelo do aparato de “instituição” é inibidor à verdade que se deseja trabalhar.

Há um respaldo teórico sustentado nos discursos de Michel Foucault (1926-1984) um filósofo francês contemporâneo que se dedicou à reflexão entre poder e conhecimento. Um crítico, um ativista que se envolveu em campanhas contra o racismo e pela reforma do sistema penitenciário, escolar, hospitalar, outros. Foucault estudou vários problemas sociais e comprovou que o poder acontece como uma relação de forças. Onde os dois dispositivos utilizados pela sociedade para a justificação do poder e para a domesticação dos corpos que compõem o espaço social, são: a vigilância e a punição.

De fato, comprovamos que o formato institucional afasta os que mais precisam de ajuda, porque exige dos usuários/as todo um comportamento de registro, um vocabulário de registro esperado por aquele segmento, pela comunidade institucional que imputa o poder antes mesmo do acolhimento; é indesejável adentrar em uma escola, ou/em uma unidade básica de saúde, ou/em uma coordenadoria de assistência social, ou/em qualquer momento ou na oportunidade apresentada, sem hora marcada, no horário e dia que estas mulheres teem disponibilidade/oportunidade. Sabemos, de forma velada ou não, que para entrar nestes espaços públicos há a necessidade, de alguma forma, de uma vestimenta apropriada, de uma higiene mínima, um banho ou o asseio corporal, o que nem sempre é possível para as “mulheres ocultas”. Outra questão a ser considerada é que, mesmo que inconscientemente, as usuárias, sabem que estão em contato com profissionais representantes do Poder Público, o mesmo poder público temido por elas, mulheres faveladas de Guadalupe a adjacências, que só reconhecem este poder público na letalidade das abordagens policiais, na truculência, no abuso da autoridade, enfim, um poder que não acolhe mas que pune.

A abertura das portas de uma residência, de um lar, o convite para que cada uma daquelas mulheres entrassem na casa de uma pessoa “amiga”, não representante do poder, mas alguém com a

amorosidade, respeito e conhecimento para ajudar foi, sem dúvida, a experiência mais exitosa!

Desta forma, rompemos com o poder institucional, com o racismo estrutural, acolhemos, escutamos sem julgar, enxergamos pela ótica da outra, compartilhamos em nossas conversas informais nossos saberes e experiências, trocamos receitas, falamos de menstruação, sobre cuidados com a saúde, sobre vacinação, escolaridade, captação de água da chuva, sobre plantação de pimentão, tomate, frutas... falamos sobre medicina alternativa, sobre chás, unguentos, compressas... falamos sobre política e não sobre políticos ou politicagem, sobre a possibilidade de uso dos serviços disponíveis através do telefone 1746 da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro para a limpeza e conservação urbana, retirada de lixos e entulhos, do combate ao mosquito da causador da Dengue e outras doenças; respeitamos nossas diferenças psicofísicas sociais com total e irrestrita liberdade, na prática do bem pessoal e coletivo. Vivenciamos o respeito uma pela outra e estabelecemos vínculos emocionais e de confiança mesmo na pluralidade e diversidade que nos constitui.

Desta forma, a coordenação do Sal da Terra, esta outra e simplesmente mulher, também foi convidada para ir até a casa delas. Onde através das visitas aos seus lares, das conversas aparentemente informais, podemos repensar e replanejar através de uma avaliação

autêntica e fidedigna fazendo-nos reelaborar o tipo de abordagem, bem como o processo de atendimento.

Muito se tem discutido sobre a participação e controle social, mas como fazê-lo? Para que serve? Quem pode fazer? Quando fazer? Perante a esses questionamentos, sugerimos alternar as participações de acordo com as circunstâncias e com a escolha de cada mulher em contextos diversos. Assim feito, evidenciamos a ampliação significativa do olhar sobre as possibilidades delas mesmas.

O diálogo foi e é essencial, por ele, através dele e com o diálogo aberto, franco, direto, objetivado pela necessidade de compreensão da palavra da outra, seja palavra oralizada, gestual ou significada pelas escolhas e/ou através dos comportamentos apresentados, fomos delicadamente aprendendo sobre nós mesmas, sobre coisas das vidas, resignificando conceitos e assim literalmente ocupamos os espaços e crescemos.

Para isso, precisamos modificar a metodologia inicial; saímos da informação e tabulação de resultados, do preenchimento de questionários para levantamento de dados que justificavam o nosso fazer, para os “estudos de casos”.

Para isso, precisamos modificar a metodologia inicial; saímos da informação e tabulação de resultados, do preenchimento de questionários para levantamento de

dados que justificavam o nosso fazer, para os “estudos de casos”.

Do mesmo modo abandonamos a concepção determinada pela quantidade de famílias atendidas para o desejo mais acertado de transformar mesmo a realidade de algumas daquelas mulheres, das que mais precisavam, e conseqüentemente de suas famílias.

O registro de suas falas, de suas mensagens de zap, de suas solicitações, foram os fios condutores para balançarmos a teia ou rede de atendimento. Sinalizando a necessidade de apenas uma a orientação, ou encaminhamento e mediação, ou até mesmo a nossa intervenção enquanto sociedade civil para que o Sistema de Proteção o Garantia de Direitos fosse aplicado em legalidade e conformidade.

Durante o processo observamos que algumas mulheres com pouquíssima ajuda, conseguiam reorganizar a vida e agir com autonomia e independência.

O acesso à documentação, a isenção de taxas e despesas de cartórios, a gratuidade no transporte público, o planejamento das ações previstas, o acompanhamento pela conversa amigável, nunca pela cobrança de resultados, a oferta de informações sobre serviços, a mediação, foram ferramentas essenciais para transformar a vida destas mulheres.

Outras mulheres iniciavam a jornada da independência e autonomia e se perdiam pelo caminho, necessitando

retornar para a situação de caminhar mais próximas, de serem acompanhadas mais de perto e com maior frequência. Embora que sempre foi possível perceber que não haviam perdido tudo. Nunca foi um recomeço ou uma reprovação, sempre foi um processo, o tempo de cada uma. Então, pensávamos juntas sobre as inferências necessárias para chegarmos à concretude do desejado, ao objetivo a ser realizado e ao prazer de se sentir mulher atuante, transformadora.

Lembramos aqui que qualidade de vida se conquista cuidando da saúde mental. De alguma forma, cuidamos da saúde mental destas mulheres. O acompanhamento a cada um dos problemas apresentados até a solução dele, o acompanhamento a cada uma delas fez toda a diferença porque elas não estavam mais sozinhas. Cuidamos da saúde mental quando oferecemos segurança através do ato de acompanhar.

Continuando com o relato histórico de nossas atividades, seguimos:

Em 2018, tivemos algumas tentativas não exitosas, minicursos previstos e não realizados. Uma dificuldade absurda para a captação de recursos financeiros e humanos. Vivemos, literalmente, o golpe!

A mulher, presidente, destituída do poder covardemente, chacoteada, humilhada e ofendida, crucificada e exposta como exemplo para as outras muitas brasileiras que ousavam a não serem “Belas,

recatadas e do lar”, servindo de exemplo em particular para aquelas que mais precisavam: cariocas faveladas.

“Bela, recatada e do lar”, manchete capa de revista, ofendia quando defendia padrões machistas e subjugava o gênero feminino, debochando das trabalhadoras, das pobres, pardas, sujas, deficientes, famintas. O artigo sobre a esposa do vice-presidente Michel Temer, Marcela Temer, publicado pela revista VEJA, provocou uma reação em massa nas redes sociais. Milhares de mulheres reagiram postando fotos em momentos de lazer, repudiando o modelo tradicionalista do perfil de uma mulher que não as representaria. Em contrapartida, a visão intolerante sobre o modo de vida de uma fração da população feminina também expôs parte de mulheres do Brasil que muitos preferem deixar invisíveis, protegidas, intocáveis.

A “Caixa de Pandora” mais uma vez foi aberta.

Outra vez uma Eva, uma Dilma, havia tomado posse do fruto proibido e trouxe desgraça para humanidade. Assim como Eva a lenda de Pandora também é uma história que coloca a mulher com fonte ou causadora de todos os males do mundo.

Nada mais injusto!

Com alegação de “pedaladas fiscais” destituíram da presidência do Brasil a Dilma e as “Dilmas” de muitas brasileiras, com ela pareciam desabar os direitos

conquistados por nós mulheres. Tememos o retrocesso das agendas e pautas. Tememos a caça às bruxas. Tememos o desrespeito. Tememos sim, mas não paralisamos! Nenhum Michel Temer iria nos parar.

A exemplo de nossas ancestrais romanis, no Campo de Concentração de Auschwitz, no dia da resistência romani em 16 de maio, nós também estendemos nossos dias de luta e resistência através de nossos gritos enviamos o recado: LUGAR DE MULHER É ONDE ELA QUIZER! Nenhum direito a menos!

Segundo a lenda da mitologia Grega, Pandora recebeu dos deuses uma caixa selada e que jamais deveria ser aberta.

Curiosa para saber o que havia lá dentro, Pandora abriu a tampa. Mas ela não sabia que em seu interior estavam aprisionados todos os males do mundo, que foram libertados e caíram sobre a humanidade.

Dentro da caixa ficou apenas a Esperança.

Então vamos ESPERANÇAR!

Como? Em 2019 - Um duelo desleal!

A reforma da Previdência foi promulgada, as mudanças nas aposentadorias dos militares foram aprovadas e parte do pacote anticrime passou na Câmara.

A gestão marcada por pautas conservadoras promoveu atos religiosos no Palácio do Planalto e a utilização das redes sociais como canal direto de comunicação entre

os simpatizantes bolsonaristas onde alimentavam os discursos de ódio e preconceitos, tanto quanto a defesa da hegemonia.

O poder das redes sociais é avassalador, além de garantir o anonimato também divulga as inverdades, presta o desserviço à população, mentem, enganam, ameaçam, provocando reacionarismo, polarizando, incitando os discursos de ódio.

Jair Bolsonaro fez comentários positivos sobre o período da ditadura militar (1964-1985) e determinou ao Ministério da Defesa que fizesse as "comemorações devidas" pelos 55 anos do golpe de 1964.

Ele também questionou a legitimidade da Comissão da Verdade, instaurada no governo Dilma Rousseff para apurar crimes da ditadura.

Bolsonaro elogiou o coronel do Exército Carlos Alberto Brilhante Ustra, a quem chamou de "herói nacional".

Cumprindo com promessas de campanha, Bolsonaro iniciou a política de armas no Brasil, facilitando a compra e o porte de armas pelos cidadãos.

Nós mulheres, de povos e comunidades tradicionais, ou marcadas por pertencimento a um contexto social desprezado pela sociedade aristocrática, enfrentamos a lógica da meritocracia.

Quem podia ajudar absteve-se norteado por uma lógica do: "fez por merecer", "são indisciplinadas"

“preguiçosas e falta determinação” e nem o trabalho braçal, quase que escravizado, poderia ser ocupado por nossas mulheres.

Ainda assim, avançamos em acompanhamentos aos CRASs (Coordenadorias Regionais de Assistência Social) informamos, procuramos alternativas dentro das Associações de Moradores para o atestado de residência, paralelo ao trabalho de conscientização dos serviços de saúde para o atendimento imediato ao comparecimento destas mulheres ao equipamento público e a expressão mais usada no período foi: “demanda livre e espontânea” vocês precisam atender.

As ameaças continuaram, intensificaram o ódio, famílias brigavam, casais se separavam, filhos saíram da casa dos pais, amigos rompiam o relacionamento e a todo instante havia uma cobrança por um posicionamento político.

Apesar de parecer distante, o Planalto Central, é encontrado em cada esquina, nas conversas entre conhecidos, na padaria, no mercado, nas escolas e na beira do fogão. E, muitas vezes, se revela nas emoções e atitudes intolerantes das pessoas. Iniciou um tempo de menos compaixão e caridade. Tudo passou a ser mérito ou demérito.

No entanto a formação da rede de cuidados e atenção para as mulheres, já estava posta e constituída. Fortalecemos a rede de cuidados e atenção através dos

elogios formais às ouvidorias dos respectivos órgãos e aos agradecimentos públicos e informais às parcerias civis e privadas, oferecendo a transparência de todas as nossas ações. Intensificamos nossa participação nos Colegiados Gestores, nos seminários e Conferências, nas atividades escolares, atividades culturais. Marcamos presença.

Em **2020**, enfrentamos o pior cenário! Ano Pandêmico.

Até o mês de fevereiro, tínhamos o compromisso de doação de **04** cestas básicas para famílias que mesmo amparadas pela Assistência Social, ainda passavam por muita necessidade. Normalmente em função da composição familiar com muitos filhos, ou ainda com pessoas enfermas e sem auxílio do INSS por não preencherem os requisitos para o recebimento do benefício ou por atraso nas perícias de avaliação.

Até o mês de fevereiro, fazíamos uma distribuição mensal entre 40 e 50 kits higiênicos de combate à pobreza menstrual para as mulheres em situação rua e para as que solicitavam os absorventes.

Até o mês de fevereiro, entregávamos na Clínica da Família Sônia Maria, no bairro de Santíssimo, especializada em partos de Mulheres dependentes químicas, acometidas por transtornos mentais, mulheres em situação de rua etc. cerca de 09 a 12 enxovais para recém-nascidos.

Com o avanço da pandemia do Covid 19 a demanda por cestas básicas cresceu absurdamente.

Em uma semana de 04 cestas passamos a necessitar de 13 cestas básicas. Em quinze dias de 13 para 19 e no final de um mês chegamos a precisar de **36 cestas**.

Chegamos ao nosso limite. Não tínhamos mais para quem pedir. Não havia recursos para ajudar mais do que estávamos ajudando.

E foi exatamente neste momento que vivenciamos e experimentamos **um dos momentos mais lindos do trabalho**. As mulheres abriam suas cestas recebidas e dividiram com as mulheres que não tinham recebido cestas básicas os seus poucos alimentos recebidos.

Que lição de vida! Que aprendizado! Que emoção!

Havia valido a pena todo o sacrifício.

Estavam de fato transformadas, não apenas materialmente, mas em essência, em pessoas melhores. Tal qual o verso da música Sal da Terra do Beto Guedes, elas “repartiram melhor o pão”.

Mais uma vez, perante as circunstâncias, reavaliamos a nossa prática e mais uma vez balançamos a rede, confeccionamos outras redes, adaptamos e trabalhamos.

Confeccionamos máscaras com retalhos doados.

Pesquisamos e fizemos medidores para o uso do cloro e da água sanitária.

Repartimos sabonetes.

Iniciamos uma silenciosa campanha deixando uma garrafa pet com água e sabão na porta de nossas residências para que os transeuntes pudessem lavar as mãos.

Outros moradores da localidade também fizeram o mesmo.

Agora também era nossa vez de apoiar às Clínicas da Família e os CRASs, nos disponibilizamos para pequenos reparos, para serviços gerais, para serviço burocrático, afinal a equipe médica também adocece, afinal parceria é uma via de mão dupla.

As “cozinhas comunitárias” passaram a ser um projeto da Prefeitura do Rio de Janeiro, todavia, antes da implantação do projeto já fazíamos uma proposta semelhante, não havia dinheiro para comprar gás. Moradores de comunidades são obrigados a comprar o gás dentro da comunidade. O preço do gás nas comunidades não obedece a tabela. Precisávamos dar um jeito, e passamos a distribuir sopas e feijão cozido.

Comida de uma panela só, assim chamada por povos em deslocamento, uma técnica para cozinhar os alimentos, muito utilizada na cultura de alguns povos e comunidades tradicionais foi ensinada às nossas mulheres visando a economia de gás e no caso de utilização de lenha para o cozimento evitar sujar várias panelas e gastar muito mais madeiras.

Ações simples e exitosas, devolviam um pouco mais de fôlego para prosseguir.

Paralelo a toda situação caótica reforçávamos a cada instante a necessidade do isolamento, a necessidade dos cuidados pessoais e limpeza do ambiente, o uso contínuo de máscaras, o isolamento preventivo dos idosos e ainda tínhamos que **combater** ferrenhamente **o negacionismo à ciência**, **o fanatismo religioso**, **a politicagem com a vacina** entre tantas e tantas mortes, entre os órfãos, entre as próprias perdas e o racismo e o preconceito com a nossa etnia também.

Assistimos com **indignação o Presidente da República zombar das vítimas do Covid**, assistimos a crueldade do ministro do meio ambiente **“passando a boiada” nas terras indígenas**, escarnecendo a floresta Amazônia com os **garimpos e desmatamento...** Foi doído demais.

2021 em maio iniciou a vacinação contra COVID na Cidade do Rio de Janeiro, mas além da pandemia enfrentamos um período de muitas chuvas e muito frio. Então tínhamos muitos doentes com fome e com frio. Novamente replanejamos as ações.

Organizamos um Encontro Beneficente. Conseguimos um espaço amplo e coberto, a quadra de futebol de salão do Clube Botafoguinho, aqui em Guadalupe.

Fizemos uma campanha no comércio local para recolher doações e divulgar o evento.

Oferecemos exames de vistas gratuitos, sorteamos vagas no curso de inglês YES, sorteamos vagas na Academia de Jui Jutsu Força e Honra, sorteamos vagas para curso de automaquiagem, sorteamos vagas para o curso de manicures, sorteamos serviços disponibilizados pelo Espaço Você é Linda, oferecemos um mega super Café da Manhã e distribuimos casacos, cobertores e alimentos para as pessoas que necessitassem. Contamos com apresentação de Danças Ciganas com a Professora LILI e com a Isabele Cristine. Foram distribuídos máscaras e álcool em gel para todos os participantes.

O encontro favoreceu o contato entre os doadores e beneficiadas, permitiu a transparência do trabalho, tanto quanto a prestação de contas informal com as parcerias, além de propiciar uma grande autoavaliação para todos nós.

Assim renovamos e captamos novos parceiros.

Reafirmamos ali, o compromisso com nossas mulheres e suas famílias, um total de **198** (cento e noventa e oito) pessoas, para os meses seguintes e conseguimos apadrinhar as **79** (setenta e nove) crianças atendidas pelo Sal da Terra para o Natal.

Acompanhamos a vacinação contra o Covid, Síndrome Gripal, como também a vacinação de rotina para as crianças e a vacinação contra HPV para adolescentes. Orientamos sobre a importância das doses para idade

adulta: Tétano e Hepatite, também sobre a necessidade da higiene bucal e atendimentos odontológicos. Marcamos os exames de Papa Nicolau (preventivos) e algumas mamografias.

O apoio escolar e a recondução à escola foram situações complicadas pois a disponibilidade de aulas online não atendia às crianças sem computadores ou celulares e sem internet. Infelizmente não dispúnhamos de recursos humanos e nem de equipamentos para oferecer o suporte devido.

Quanto a orientação às pequenas empreendedoras (com vendas de produtos de limpeza, bolos de pote, milho cozido etc.) nossas ações limitaram-se ao incentivo inicial com a compra do material necessário para as atividades, sugestões de marketing, controle e registro do caixa.

Embora a Assistência Social ofereça cursos sobre gestão de negócios, sobre atividades empreendedoras, as mulheres mais humildes não ficavam à vontade para participar. Sempre apresentavam dificuldades de acesso em função do domínio de facções criminosas diferentes, também impedimentos quanto aos dias e horários disponibilizados e sobretudo a dificuldade em compreender o que estava sendo falado.

No entanto conseguimos recolocações de trabalho para prestação de serviços como; auxiliar de cozinha, serviços gerais, repositores de mercadorias, trancistas,

manicures, auxiliar de cabelereira, o4 vagas para desentupir bueiros etc.

No dia 10 de dezembro de 2021, em comemoração ao Dia Internacional dos Direitos Humanos, organizamos uma grande Ação de Combate à Pobreza Menstrual. O evento contou com representantes das Unidades Básicas de Saúde, da Sexta Coordenadoria Regional de Educação, da Coordenadoria Regional de Assistência Social, da Subprefeitura, do 41º Batalhão da Polícia Militar, da Patrulha Maria da Penha e de nossas mulheres e adolescentes.

Mulheres e meninas que antes só pediam ajuda, aprenderam ajudar.

Elas que por muitas vezes apenas receberam as doações de cestas básicas ou dos kits absorventes, estiveram na rua conosco distribuindo absorventes, combatendo a pobreza menstrual, exercendo e exercitando a cidadania.

Avistávamos o empoderamento das nossas “mulheres ocultas”. Chegamos onde o poder público não havia chegado, resgatamos e transformamos vidas.

Nossa Festa de Natal foi um sucesso!

Realmente acontecia um Natal. Nosso Papai Noel foi o Administrador Regional. Servindo o cachorro quente e os refrigerante as agentes comunitárias da Clínica da Saúde, distribuindo os presentes e ajudando o Papai Noel a Gerente de Assessoria da Sexta Coordenadoria de

Educação, claro que o apoio imprescindível da família e de amigos e das próprias mães das crianças.

Em 2022 – O retorno das crianças e adolescente para escola, nunca foi tão providencial e necessário.

A carestia e a fome atravessaram as famílias mais vulneráveis. Expressões como: “Feminização da fome”, “insegurança alimentar” “retorno do Brasil ao mapa mundial da fome”; passaram a fazer parte da nossa rotina, do nosso vocabulário e pior ainda da realidade de mais de 75% das famílias em situação de extrema pobreza.

A Fome cresceu de tal modo entre os mais pobres que, por diversas vezes, solicitamos à Secretaria Municipal de Educação, que não interrompesse o período letivo e caso o fizesse, mantivesse a alimentação dos alunos.

No Rio de Janeiro tivemos ações da Prefeitura para minimizar a situação de fome e insegurança alimentar: cozinhas comunitárias e a distribuição diária de refeições em alguns pontos da cidade, no caso do bairro de Guadalupe, em duas comunidades distintas.

No entanto, mais uma vez os recursos eram destinados para os já cadastrados nos programas sociais.

Muito embora tenhamos efetuado o cadastro de cerca de 84% das mulheres nos programas sociais, a inflação, o preço da alimentação cada dia mais caro, fez com que as famílias reduzissem, de verdade, a compra de alimentos.

Outro agravante, foi a situação das crianças não matriculadas em creches ou em espaços de Educação Infantil. Citamos as crianças entre 03 meses e 04 anos. Estas crianças e suas mães sofreram muito. Como estratégia, para o atendimento prioritário, precisamos reconduzir, substituir e mesmo retirar alguns itens da cesta básica para que os pequenos tivessem o leite garantido. Impressionante e lastimável porque estamos em plena implementação do Marco Legal da Primeira Infância, Lei nº 13.257/2016.

É necessário fazer uma observação importante, sobre as crianças entre 03 meses e 04 anos que estão fora do espaço escolar, elas deixam de frequentar à escola pela insegurança do território, por estas creches e espaços de educação infantil estarem situados em áreas de risco. A violência, a rivalidade entre facções, a ocupação de milicianos, os tiroteios diários, as operações policiais são os motivos apresentados pelas mães para NÃO matricularem suas crianças quando oferecemos a vaga.

Sugerimos à Secretaria Municipal de Educação, através da Gerência de Assessoria a ampliação do número de creches conveniadas com a Prefeitura, no entanto é incoerente e improcedente porque de fato existem vagas não ocupadas nos prédios públicos.

Vários estudos sobre o desenvolvimento humano, especificamente em relação à primeira infância, período compreendido do nascimento até completar 06 anos, apontam ser a etapa fundamental onde o feto, as

experiências e descobertas são levados para o resto da vida.

É imperativo a criação de um espaço seguro, fora das comunidades, voltado para o atendimento escolar das crianças da primeira infância, ainda mais urgente o atendimento à primeiríssima infância período compreendido entre a gestação até os 03 anos de idade de acordo com o Marco Legal da Primeira Infância, Lei nº 13.257/2016.

Com retomada das atividades escolares de forma presencial foi assustador tomar ciência do elevado número de conflitos entre estudantes registrados nos variados espaços escolares, quer sejam públicos ou privados.

Alarmante o índice de crianças em tratamentos psiquiátricos para depressão e transtornos de ansiedade. Relatos de autoflagelação, tentativas de suicídios, agressividade excessiva, compulsividade, entre outros entraram para a rotina escolar.

O desempenho escolar sofreu imenso impacto. Para os estudantes de baixa renda, a catástrofe foi ainda maior.

A correspondência: competências e habilidades (conhecimentos adquiridos) / idade / série, ficou extremamente comprometida. Apontando para urgência de trabalho pedagógico específico como forma de reparação dos danos causados pelo afastamento escolar e subtração da defasagem apresentada. É

urgente pensar em adaptações curriculares propriamente ditas.

Por todos os motivos apresentados, se fazia necessário, enfatizar a legislação específica em relação ao Sistema de Proteção e Garantias de Direitos para as Crianças e Adolescentes muito e principalmente para as nossas crianças e adolescentes de Povos e Comunidades Tradicionais, também.

Assim organizamos a COMEMORAÇÃO DOS 32 ANOS DO ECA – Estatuto da Crianças e Adolescentes, que aconteceu na Loa Cultural Terra, no dia 13 de julho de 2022.

O momento de confraternização, contou com a presença de nossas crianças, adolescentes e seus respectivos responsáveis, bem como a participação e falas relacionadas aos serviços correspondentes; profissionais da saúde incentivaram a vacinação e o acompanhamento infantil; professores falaram sobre frequência escolar e participação da família nas escola; Assistentes Sociais sobre a necessidade de atualização dos cadastros; Conselheiro Tutelar sobre à disponibilidade do CT quanto às legalidades e ilegalidades (trabalho infantil); Contamos com a Presença do Professor Ivanir dos Santos relatando sobre sua infância no Morro do Esqueleto, filho de uma prostituta, ex-aluno da FUNABEM, hoje Professor universitário, Doutor em Antropologia; .A presença da psicóloga Fernanda Leal repassando seu trabalho com

crianças com transtorno da espectro autista e a necessidade da precocidade no atendimento; A presença do Palhaço Piriri, alegrou, divertiu e divulgou as muitas oficinas oferecidas gratuitamente pela Lona Cultural. Também conseguimos pula-pulas, Totó, Piscina de Bolinhas, atividades de desenhos livres, brincadeiras de roda.

Mais uma vez, jovens adolescentes participaram do evento: recepcionaram as gerências dos órgãos públicos. Receberam professores/as, médicas/os, assistentes sociais, lideranças comunitárias, jornalistas, estudantes universitários, representantes do conselho tutelar e demais convidados. Auxiliaram com o som e iluminação. Distribuíram os lanches. Distribuíram as camisetas comemorativas do evento doadas pela CAPEMISA Social. Foram protagonistas!

No ano de **2022** completamos **cinco anos**, as **BODAS DE MADEIRA** que simbolizam o fortalecimento e "enraizamento" da relação, que começa a gerar "galhos", assim como as árvores. "Boda" tem origem no latim, cujo significado é voto, promessa.

Não foram poucas as dificuldades encontradas ao longo destes cinco anos do Sal da Terra, muitas vezes o cansaço a falta de recursos financeiros, de recursos humanos, de equipamentos, a sobrecarga de um trabalho não remunerado, as críticas de pessoas que não compreendem a causa que nos movimenta, a desconfiança e decepções provocam sentimentos ruins.

Mas ao observar os resultados, a chama reaviva, acendendo novos projetos, mais e mais ideias.

Aqui, na mensagem enviada às pessoas que nos ajudam a ajudar, é visível o quanto avançamos.

Natal 2022.

“Não temos nas nossas mãos as soluções para todos os problemas do mundo, mas diante de todos os problemas do mundo temos as nossas mãos.”

Friedrich Schiller

Mãos amorosas, como as nossas mãos, transformaram a vida de dezenas de crianças e suas famílias ao longo do ano de 2022.

Para além das doações mensais de alimentos, remédios, roupas e calçados às famílias em situação de extremíssima pobreza, moradores das adjacências de Guadalupe e Complexo do Chapadão, localizados no subúrbio do município do Rio de Janeiro, cuja região possui o menor ID efetuamos através da participação e controle social:

- Matrícula de **100%** de nossas crianças com 04 anos ou mais nas escolas;*
- **98%** de vacinação completa;*
- **52%** das recolocações ao trabalho;*
- **84%** das famílias aos benefícios dos programas sociais;*
- Ampliamos o combate à “pobreza menstrual”;*
- **09** gestantes durante o puerpério providenciando o enxoval básico para bebês e produtos específicos para as mãezinhas com a oferta de um kit básico de produtos de higiene pós-parto;*

- **Redução** da quantidade de pessoas atendidas mensalmente **de 198 para 69** pessoas;

Estamos cientes dos tempos difíceis em relação à carestia e o retorno da covid, ainda assim, manteremos a nossa festa de Natal, principalmente para as crianças e adolescentes que mais necessitam.

Contamos com você! Contamos com sua doação! 36 crianças precisam de nós para ter um Natal sem fome e mais feliz.

Não podemos mudar o mundo, mas podemos ajudar as nossas 36 crianças!

Nais Tuquê! (muito obrigada)

Ainda existem mulheres sendo atendidas em 2022 e mulheres necessitando de muito apoio para 2023.

Nosso trabalho continuará.

Precisamos contribuir para que nossas mulheres possam lidar com os desafios da vida moderna e as mudanças que o contexto pandêmico gerou.

Estamos planejando e organizando ações.

Com toda a certeza, aprendemos muito sobre união, sororidade, força e fé.

Temos consciência de que o ano de 2023 não será um ano fácil, até porque o “Auxílio Brasil” será interrompido e substituído pelo “Programa Bolsa Família” que se

distingue em princípios e finalidades e por tanto não se estabelece por CPF e sim por núcleo familiar.

Mas estamos determinadas a resolver nossas carências, pendências e inseguranças.

Isso porque, sabemos que as energias combinadas ampliarão a confiança em nosso fazer, em nossas mãos.

Aliás, como diria o saudoso e inesquecível Paulo Freire:
“... somos todos aprendizes ...”



AMSK BRASIL

Associação Internacional Mayrê Sara Kall

www.amsk.org.br